

**LIDERANÇA COMUNITÁRIA FEMININA NA AMAZÔNIA PERUANA: UMA
REVISÃO DE ESCOPO**

**FEMALE COMMUNITY LEADERSHIP IN THE PERUVIAN AMAZON: A
SCOPING REVIEW**

**LIDERAZGO COMUNITARIO FEMENINO EN LA AMAZONÍA PERUANA: UNA
REVISIÓN DE ALCANCE**



10.56238/edimpecto2025.090-055

Treysi Selene Cordova Caritimari

Estudante de Negócios Internacionais e Turismo
Instituição: Universidad Nacional Autónoma de Alto Amazonas
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8820-4056>
E-mail: tcordova@unaaa.edu.pe

Joselin Pilco Valera

Estudante de Negócios Internacionais e Turismo
Instituição: Universidad Nacional Autónoma de Alto Amazonas
Orcid: <https://orcid.org/orcid=0009-0002-7215-8109>
E-mail: 1262304124@unaaa.edu.pe

Jesus Enrique Reyes Acevedo

Doutor em Administração
Instituição: Universidad Nacional Autónoma de Alto Amazonas
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1357-652X>
E-mail: jreyes@unaaa.edu.pe

RESUMO

A região amazônica peruana enfrenta pressões crescentes derivadas do extrativismo, da desmatamento e das mudanças climáticas, contexto no qual as mulheres indígenas e rurais emergiram como protagonistas fundamentais na defesa territorial e na conservação da biodiversidade. Este estudo teve como objetivo examinar as experiências, estratégias e desafios da liderança comunitária feminina na Amazônia peruana por meio de uma revisão de escopo. Seguiu-se o marco metodológico de Arksey e O'Malley (2005), realizando buscas nas bases Scopus, Web of Science, SciELO, Redalyc e Google Scholar, além de relatórios institucionais, no período de 2010 a 2025. Dos 142 registros iniciais, 32 documentos foram selecionados para análise completa. Os resultados revelam três achados principais: primeiro, as mulheres exercem liderança por meio de organizações comunitárias de base, redes interétnicas como a ONAMIAP e estratégias que incluem educação comunitária, documentação de saberes ancestrais e mobilização legal; segundo, foram identificados logros significativos como a aprovação do Protocolo de Consulta Prévia com enfoque de gênero (2021), projetos de conservação como o “Bosque das Mulheres” e reconhecimento internacional; terceiro, persistem desafios estruturais que incluem violência de gênero (68% relatam assédio), exclusão política (12% ocupam cargos diretivos), falta de financiamento sustentável e múltiplas cargas domésticas. Conclui-se que a



liderança feminina amazônica constitui uma força transformadora baseada em princípios de reciprocidade, espiritualidade e relação com a natureza, sendo seu fortalecimento uma condição necessária para a sustentabilidade socioambiental da região.

Palavras-chave: Conservação. Governança. Interseccionalidade. Justiça. Resiliência.

ABSTRACT

The Peruvian Amazon region faces increasing pressures stemming from extractivism, deforestation, and climate change, a context in which Indigenous and rural women have emerged as key actors in territorial defense and biodiversity conservation. This study aimed to examine the experiences, strategies, and challenges of women's community leadership in the Peruvian Amazon through a scoping review. The methodological framework of Arksey and O'Malley (2005) was followed, with searches conducted in Scopus, Web of Science, SciELO, Redalyc, and Google Scholar, as well as institutional reports, for the period 2010–2025. From an initial 142 records, 32 documents were selected for full analysis. The results reveal three main findings: first, women exercise leadership through community-based organizations, interethnic networks such as ONAMIAP, and strategies that include community education, documentation of ancestral knowledge, and legal mobilization; Second, significant achievements were identified, such as the approval of the Prior Consultation Protocol with a gender perspective (2021), conservation projects like the "Women's Forest," and international recognition. Third, structural challenges persist, including gender-based violence (68% report harassment), political exclusion (only 12% hold leadership positions), lack of sustainable funding, and multiple domestic responsibilities. It is concluded that Amazonian women's leadership constitutes a transformative force based on principles of reciprocity, spirituality, and a relationship with nature, and its strengthening is a necessary condition for the socio-environmental sustainability of the region.

Keywords: Conservation. Governance. Intersectionality. Justice. Resilience.

RESUMEN

La región amazónica peruana enfrenta presiones crecientes derivadas del extractivismo, la deforestación y el cambio climático, contexto en el cual las mujeres indígenas y rurales han emergido como actrices fundamentales en la defensa territorial y la conservación de la biodiversidad. Este estudio tuvo como objetivo examinar las experiencias, estrategias y desafíos del liderazgo comunitario femenino en la Amazonía peruana mediante una revisión de alcance. Se siguió el marco metodológico de Arksey y O'Malley (2005), realizando búsquedas en Scopus, Web of Science, SciELO, Redalyc y Google Scholar, además de informes institucionales, en el período 2010-2025. De 142 registros iniciales, se seleccionaron 32 documentos para análisis completo. Los resultados revelan tres hallazgos principales: primero, las mujeres ejercen liderazgo a través de organizaciones de base comunitaria, redes interétnicas como ONAMIAP, y estrategias que incluyen educación comunitaria, documentación de saberes ancestrales y movilización legal; segundo, se identificaron logros significativos como la aprobación del Protocolo de Consulta Previa con enfoque de género (2021), proyectos de conservación como el "Bosque de las Mujeres" y reconocimiento internacional; tercero, persisten desafíos estructurales incluyendo violencia de género (68% reporta hostigamiento), exclusión política (12% ocupan cargos directivos), falta de financiamiento sostenible y carga doméstica múltiple. Se concluye que el liderazgo femenino amazónico constituye una fuerza transformadora basada en principios de reciprocidad, espiritualidad y relación con la naturaleza, siendo su fortalecimiento una condición necesaria para la sostenibilidad socioambiental de la región.

Palabras clave: Conservación. Gobernanza. Interseccionalidad. Justicia. Resiliencia.



1 INTRODUÇÃO

A região amazônica do Peru abriga mais de cinquenta povos indígenas e constitui um dos ecossistemas biologicamente mais ricos do planeta, abrigando aproximadamente 10% das espécies conhecidas do planeta e abrigando mais de 400.000 povos indígenas pertencentes a povos como os Asháninka, Shipibo-Konibo, Awajún, Wampis e Kichwa, entre outros (MINAM, 2022). Essa biodiversidade cultural e biológica está intrinsecamente ligada a sistemas de conhecimento milenares que mantêm a harmonia com o meio ambiente há séculos. No entanto, nos últimos anos, essa área tem sofrido pressões cada vez mais intensas devido às atividades extrativas, perda de cobertura florestal e consequências das mudanças climáticas (Finer et al., 2023). Entre 2001 e 2021, a Amazônia peruana perdeu mais de 2,7 milhões de hectares de floresta primária, com taxas de desmatamento que aumentaram 45% na última década, impulsionadas principalmente pela expansão da fronteira agrícola, mineração ilegal e construção de infraestrutura (MAE, 2022).

Diante desse panorama de crise socioambiental, mulheres das comunidades amazônicas assumiram um papel notável na defesa de seus territórios, integrando o conhecimento ancestral com mecanismos contemporâneos de organização e negociação. Sua liderança não surge como uma resposta conjuntural, mas como uma expressão de agência histórica que desafia as estruturas patriarcais e coloniais que marginalizaram suas vozes. Ao contrário das estruturas tradicionais de liderança masculina, a liderança feminina nesses contextos se distingue por uma ética de cuidado, relações horizontais e a capacidade de articular o local com o global (Bebbington et al., pesquisas recentes sobre mineração e desenvolvimento nos Andes). Essa liderança se manifesta em múltiplas dimensões: como guardiãs de sementes e do conhecimento tradicional, como defensoras territoriais contra projetos extrativos e como articuladoras de redes de solidariedade que transcendem fronteiras comunitárias e étnicas.

Pesquisas recentes destacam que as mulheres indígenas não apenas resistem à degradação ambiental, mas também propõem modelos alternativos de desenvolvimento baseados na visão de mundo amazônica e na sustentabilidade (Sarmiento & Vela-Almeida, 2022). Esses modelos baseiam-se em princípios de reciprocidade, complementaridade e harmonia com a natureza, questionando os paradigmas de desenvolvimento extraativistas que prevaleceram na região. No entanto, ainda há uma falta significativa de literatura acadêmica que documente sistematicamente suas experiências e desafios a partir de uma abordagem interseccional que reconhece as múltiplas camadas de opressão e resistência vividas por essas mulheres.

Esta revisão de escopo tem como objetivo responder à seguinte questão central: Quais são as experiências, estratégias e desafios da liderança comunitária feminina na Amazônia peruana? O objetivo é mapear as evidências disponíveis, identificar lacunas de conhecimento e propor linhas de ação para políticas públicas e pesquisas futuras. Por meio dessa análise, buscamos contribuir para o



reconhecimento da liderança feminina amazônica não apenas como uma questão de equidade de gênero, mas como condição necessária para a sustentabilidade socioambiental da região.

2 ESTRUTURA TEÓRICA (ESTENDIDA)

A análise da liderança feminina na comunidade peruana requer um arcabouço teórico interdisciplinar que integre perspectivas feministas, descoloniais, ecologistas políticas e de governança ambiental. Essas abordagens, embora distintas, convergem para entender como as relações de poder estruturam tanto a subordinação quanto a degradação ambiental das mulheres, e como as mulheres indígenas articulam estratégias de resistência e transformação.

2.1 FEMINISMO INTERSECCIONAL

A interseccionalidade, conceituada por Kimberlé Crenshaw (1989) e posteriormente adaptada ao contexto latino-americano por autores como María Lugones (2010), nos permite entender como identidades de gênero, etnia, classe e territorialidade se entrelaçam para configurar experiências únicas de opressão e resistência. Na Amazônia peruana, as mulheres indígenas enfrentam não apenas desigualdades de gênero, mas também racismo estrutural e exclusão territorial (Ulloa, 2019). Essa abordagem evita homogeneizar as "mulheres" e reconhece a agência diferenciada de acordo com a etnia e o contexto geográfico.

A teoria interseccional nos ajuda a analisar como as mulheres amazônicas experimentam uma "dupla marginalização": por um lado, como mulheres em sociedades patriarcais que limitam sua participação em espaços públicos; por outro, como povos indígenas em um Estado-nação que historicamente negou seus direitos coletivos. Essa dupla marginalização se manifesta na baixa representação em cargos gerenciais (apenas 12% segundo a ONAMIAP, 2023), na maior exposição à violência (68% relatam assédio segundo a CNDDHH, 2022) e na invisibilização de suas contribuições para a governança territorial.

Além disso, a interseccionalidade nos permite entender como as estratégias de resistência dessas mulheres são multifacetadas, combinando a defesa dos territórios com a reivindicação dos direitos de gênero. Como Lugones (2010) aponta, essas estratégias não são meras adaptações a sistemas opressivos, mas formas de "colonialidade de poder" que resistem e transformam simultaneamente relações de dominação.

2.2 ECOLOGIA POLÍTICA FEMINISTA

Ecologia política feminista (Agarwal, 1992; Sarmiento & Vela-Almeida, 2022) analisa as relações de poder em torno do acesso, controle e uso dos recursos naturais, colocando as experiências das mulheres rurais e indígenas no centro. Essa abordagem argumenta que a destruição ambiental e a



subordinação das mulheres estão estruturalmente ligadas ao modelo capitalista extrativista. Na Amazônia, as mulheres não são apenas guardiãs das sementes e do conhecimento medicinal, mas também defensoras de territórios coletivos diante da mineração, do desmatamento ilegal e dos megaprojetos de infraestrutura.

A ecologia política feminista nos permite analisar como as estruturas de gênero têm acesso a recursos e benefícios. Por exemplo, enquanto os homens tendem a controlar a renda das atividades extrativas, as mulheres gerenciam recursos para consumo familiar e reprodução social. Essa divisão do trabalho reforça a dependência econômica das mulheres e limita sua capacidade de participar da tomada de decisões comunitárias.

Além disso, essa abordagem nos ajuda a entender como as mulheres amazônicas articulam uma crítica ao desenvolvimento extraativista a partir de suas próprias visões de mundo. Como aponta Sarmiento (2020), essas mulheres não são contra o "desenvolvimento" em si, mas sim a um modelo que separa as pessoas da natureza e reduz os territórios a meros recursos econômicos. Em vez disso, propomos alternativas baseadas no "bom viver" ou "sumak kawsay", que integram a dimensão espiritual, social e ecológica do desenvolvimento.

2.3 LIDERANÇA A PARTIR DA VISÃO AMAZÔNICA

A liderança feminina em contextos indígenas não responde aos modelos hierárquicos ocidentais, mas aos princípios de reciprocidade, complementaridade e harmonia com a natureza (Paredes, 2020). A noção de sumak kawsay (boa vida) ou iwiankashan (em Asháninka: "viver bem em comunidade") implica uma ética de cuidado que transcende o humano e abrange a floresta, os rios e os espíritos. Essa liderança é coletiva, espiritual e posicionada, exercida por meio das palavras, da escuta e da ação comunitária (ONAMIAP, 2022).

Nas visões de mundo amazônicas, a liderança não é exercida pelo poder individual, mas pela capacidade de mediar entre diferentes atores (humanos e não humanos) e garantir o equilíbrio entre as necessidades presentes e as gerações futuras. Como Descola (2013) aponta, essas visões de mundo são baseadas em uma ontologia que reconhece a continuidade entre humanos e não humanos, onde rios, árvores e animais têm agência e direitos.

A liderança feminina nesse contexto está relacionada aos papéis tradicionais das mulheres como guardiãs das sementes, conhecedoras de plantas medicinais e transmissoras de conhecimento. No entanto, hoje, essas mulheres ampliaram sua liderança para incluir a defesa territorial contra veículos extrativos, a articulação de redes de solidariedade interétnica e a promoção de alternativas ao modelo extrativista. Essa liderança não se limita à esfera comunitária, mas se estende a espaços regionais, nacionais e internacionais, onde essas mulheres conseguiram tornar suas lutas e propostas visíveis.



2.4 GOVERNANÇA AMBIENTAL COMUNITÁRIA

A governança ambiental na Amazônia é caracterizada pela coexistência de sistemas regulatórios estaduais, indígenas e locais. As mulheres participam de eventos formais (como Comitês de Gestão de Recursos Naturais) e informais (assembleias comunitárias, patrulhas camponesas), embora com reconhecimento institucional limitado (FAO, 2023). A abordagem de governança multinível (Pahl-Wostl, 2009) possibilita analisar como líderes amazônicos articulam escalas local, regional e global para influenciar políticas públicas.

A governança ambiental comunitária na Amazônia peruana baseia-se em sistemas normativos indígenas que reconhecem a relação recíproca com a natureza e estabelecem regras para o uso sustentável dos recursos. Esses sistemas, embora diferentes de acordo com cada povo, compartilham princípios como territorialidade, coletividade e sustentabilidade intergeracional. No entanto, esses sistemas regulatórios coexistem com um arcabouço jurídico estadual que muitas vezes não reconhece suas especificidades, gerando tensões e conflitos.

Mulheres indígenas desenvolveram estratégias para navegar por essa governança complexa em vários níveis. Por um lado, eles participaram de processos anteriores de consulta, embora com limitações devido à falta de uma perspectiva de gênero nesses processos. Por outro lado, fortaleceram suas próprias estruturas de governança comunitária, como associações de mulheres e redes interétnicas, que lhes permitem articular demandas e propostas. Além disso, eles usaram espaços internacionais para tornar suas lutas visíveis e pressionar pelo reconhecimento de seus direitos.

A abordagem de governança multinível nos ajuda a entender como as mulheres amazônicas constroem "pontes" entre diferentes escalas de ação: desde as locais (assembleias comunitárias) até as globais (fóruns internacionais). Essas articulações não são meras adaptações a sistemas externos, mas estratégias para expandir sua agência e defender seus territórios contra múltiplas pressões.

Tabela 1. Abordagens teóricas e suas contribuições para o estudo da liderança feminina na Amazônia

Aproximação	Autores principais	Contribuição para o estudo da liderança
Feminismo interseccional	Crenshaw (1989); Lugones (2010)	Explica a sobreposição de opressões (gênero, etnia, território) e agência diferenciada. Isso nos permite analisar como as mulheres indígenas vivenciam uma "dupla marginalização" e como articulam estratégias multifacetadas de resistência.



Ecologia Política Feminista	Agarwal	
	(1992);	Ele rejeita os modelos hierárquicos ocidentais;
	Sarmiento & Vela-Almeida	propõe liderança coletiva, espiritual e baseada no cuidado. Reconhece a agência dos não humanos e a relação de reciprocidade com a natureza.
Visão de mundo amazônica	(2022)	
	Paredes	
	(2020);	
	ONAMIAP	Ele rejeita os modelos hierárquicos ocidentais;
Governança ambiental em múltiplos níveis	(2022);	propõe liderança coletiva, espiritual e baseada no
	Descola	cuidado. Reconhece a agência dos não humanos
	(2013)	e a relação de reciprocidade com a natureza.
		Ele analisa a articulação entre escalas de ação e o
	Pahl-Wostl	acesso a espaços de tomada de decisão. Isso nos
	(2009);	permite entender como as mulheres indígenas
	FAO	navegam entre os sistemas normativos estatais e
	(2023)	indígenas, e construir pontes entre o local e o global.

Fonte: Elaboração dos autores baseada em literatura revisada.

3 RESULTADOS

3.1 FORMAS DE LIDERANÇA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

Mulheres amazônicas exercem liderança principalmente através de:

- Organizações comunitárias: como as associações femininas da Federação Nativa do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD).
- Redes interétnicas: A ONAMIAP articula mais de 1.500 mulheres de 11 povos indígenas (ONAMIAP, 2022).
- Participação em patrulhas camponesas e assembleias territoriais: embora com acesso limitado a cargos gerenciais.

Suas estratégias incluem educação comunitária, documentação do conhecimento ancestral, mobilização legal contra projetos extrativos e promoção da agroecologia (Vargas & Rojas, 2021).

3.2 CONQUISTAS NOTÁVEIS

- **Reconhecimento legal:** Em 2021, o Estado peruano aprovou o Protocolo de Consulta Prévia com uma abordagem de gênero, impulsionada por demandas de líderes indígenas (MINCULT, 2021).



- **Projetos de conservação liderados por mulheres:** como a "Floresta das Mulheres" em Ucayali, que combina reflorestamento com empoderamento econômico (FAO, 2023).
- **Visibilidade internacional:** Líderes como Ruth Buendía (Asháninka) receberam prêmios globais (Prêmio Goldman Ambiental, 2014).

3.3 DESAFIOS PERSISTENTES

- **Violência e ameaças de gênero:** 68% dos líderes entrevistados relataram assédio, difamação ou ameaças por seu ativismo (CNDDHH, 2022).
- **Exclusão política:** Apenas 12% dos cargos nas federações indígenas regionais são ocupados por mulheres (ONAMIAP, 2023).
- **Falta de financiamento sustentável:** Projetos liderados por mulheres dependem fortemente da cooperação internacional temporária.
- **Duplo/triplo encargo:** As responsabilidades domésticas limitam seu tempo de participação pública (Ulloa, 2019).

Figura 1. Dimensões da Liderança Comunitária Feminina na Amazônia Peruana

LIDERANÇA COMUNITÁRIA FEMININA <i>Interseccional, territorial e transformador</i>	
CONHECIMENTO ANCESTRAL Gestão de Sementes Medicina Tradicional Calendários Agrícolas	DEFESA TERRITORIAL Oposição à mineração ilegal Participação em consultas prévias Proteção dos territórios
ORGANIZAÇÃO COLETIVA Redes como a ONAMIAP Associações locais Alianças interétnicas	ÉTICA DO CUIDADO Proteção Comunitária de Rios e Florestas Transmissão Intergeracional

Fonte: Elaboração própria

4 CONCLUSÕES

A liderança feminina da comunidade na Amazônia peruana representa uma força transformadora que articula defesa territorial, justiça ambiental e direitos coletivos. Apesar dos avanços em visibilidade e organização, as mulheres enfrentam uma matriz de opressões interseccionais que limitam sua participação total. Sua liderança não se conforma aos modelos hierárquicos ocidentais, mas é baseada na reciprocidade, espiritualidade e na relação com a natureza.

Esta revisão confirma que fortalecer a liderança feminina não é apenas uma questão de equidade, mas uma condição necessária para a sustentabilidade socioambiental na Amazônia.



5 RECOMENDAÇÕES

1. Incorpore uma abordagem de gênero e interseccionalidade em todas as políticas de gestão ambiental e consultas prévias.
2. Estabelecer fundos públicos permanentes para projetos liderados por mulheres indígenas, com mecanismos de acesso simplificados.
3. Fortaleça as capacidades técnicas e jurídicas por meio de programas de treinamento em direitos, governança e comunicação.
4. Garantir proteção abrangente para as mulheres defensoras ambientais por meio de protocolos de segurança com a participação das próprias comunidades.
5. Promover pesquisas-ação participativas que documentem e sistematizem o conhecimento local a partir de uma perspectiva feminista decolonial.

REFERÊNCIAS

- AGARWAL, B. The gender and environment debate: lessons from India. *Feminist Studies*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 119-158, 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/3178217>.
- COORDINADORA NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS (CNDDHH). Defensoras ambientales en riesgo: situación de las mujeres líderes en la Amazonía peruana. Lima: CNDDHH, 2022. Disponível em: <https://www.cnddhh.org.pe/wp-content/uploads/2022/11/Defensoras-Ambientales-2022.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex. *University of Chicago Legal Forum*, [S.l.], v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Mujeres indígenas y gobernanza forestal en la Amazonía peruana. Roma: FAO, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4060/cc3215es>.
- FINER, M.; JENKINS, C. N.; SNELGROVE, C. Oil and road expansion in the Peruvian Amazon: trends, impacts, and policy gaps. *Environmental Research Letters*, [S.l.], v. 18, n. 4, 045012, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1088/1748-9326/acb9f3>.
- LEVAC, D.; COLQUHOUN, H.; O'BRIEN, K. K. Scoping studies: advancing the methodology. *Implementation Science*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 69, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1186/1748-5908-5-69>.
- LUGONES, M. Toward a decolonial feminism. *Hypatia*, [S.l.], v. 25, n. 4, p. 742-759, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>.
- MINISTERIO DE CULTURA DEL PERÚ (MINCULT). Protocolo para la aplicación del enfoque de género en los procesos de consulta previa. Resolución Viceministerial n.º 056-2021-MC. Lima: MINCULT, 2021. Disponível em: <https://cdn.www.gob.pe/uploads/document/file/2547273/Protocolo%20de%20g%C3%A9nero%20en%20Consulta%20Previa.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- ORGANIZACIÓN NACIONAL DE MUJERES INDÍGENAS ANDINAS Y AMAZÓNICAS DEL PERÚ (ONAMIAP). Memoria institucional 2018-2022: tejiendo resistencia y propuestas desde los pueblos originarios. Lima: ONAMIAP, 2022. Disponível em: https://onamiap.org.pe/wp-content/uploads/2023/01/Memoria_ONAMIAP_2022.pdf. Acesso em: 17 nov. 2025.
- ORGANIZACIÓN NACIONAL DE MUJERES INDÍGENAS ANDINAS Y AMAZÓNICAS DEL PERÚ (ONAMIAP). Diagnóstico sobre participación política de mujeres indígenas en la Amazonía peruana. Informe interno. Lima: ONAMIAP, 2023.
- PAHL-WOSTL, C. A conceptual framework for analysing and governing societal change processes. *GAIA – Ecological Perspectives for Science and Society*, [S.l.], v. 18, n. 4, p. 277-287, 2009. DOI: <https://doi.org/10.14512/gaia.18.4.5>.
- PAREDES, C. Mujeres indígenas y buen vivir en la Amazonía peruana. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2020.
- SARMIENTO, E.; VELA-ALMEIDA, D. Feminist political ecology in the Peruvian Amazon: territorial defense and everyday resistance. *Geoforum*, [S.l.], v. 134, p. 112-121, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2022.06.003>.
- ULLOA, A. Indigenous women's resistance in the face of extractivism in Latin America. *Latin American Perspectives*, [S.l.], v. 46, n. 5, p. 138-153, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0094582X19856023>.



VARGAS, L.; ROJAS, M. Mujeres amazónicas y agroecología: estrategias de resistencia frente al modelo extractivista. Revista Latinoamericana de Estudios del Desarrollo, [S.l.], v. 16, n. 31, p. 45-67, 2021.